

## **Análise da variação de vogais pretônicas no *Livro de Fábrica*, datado de 1854, pertencente à Igreja Matriz de Cachoeira do Brumado – Mariana (MG)**

### **Analysis of the variation of pretonic vowels in the *Livro de Fábrica*, dated as of 1854, belonging to the Main Church of Cachoeira do Brumado – Mariana (MG)**

Soélis Teixeira do Prado Mendes<sup>1</sup>  
Izadora Lopes<sup>2</sup>

**Resumo:** Para o presente artigo, apresentamos, parcialmente, a edição diplomática do *Livro de Fábrica*, pertencente ao século XIX, exarado no distrito de Cachoeira do Brumado (Mariana-MG). O objetivo deste texto é duplo: (i) fazer uma discussão sobre a importância da transcrição feita com critérios filológicos, o que dá respaldo à edição, tornando-a apta para uma pesquisa sobre a história da língua portuguesa do Brasil (PB) e (ii) mostrar/analisar a variação de vogais pretônicas, via escrita, recolhidas desse manuscrito. Após a transcrição do referido documento, com base em normas estabelecidas para esse fim, foram levantados casos de alçamento e abaixamento de vogais pretônicas, com base em Bisol (1981), Magalhães (2013) dentre outros autores. Quanto às considerações finais, discutimos como esse tipo de documento é importante para conhecermos e darmos a conhecer o estágio pretérito da língua portuguesa, no caso específico a variação de vogais pretônicas, desde que o manuscrito receba um tratamento filológico fidedigno.

**Palavras-chave:** Filologia Românica; Linguística Histórica; vogais pretônicas; Português Brasileiro.

**Abstract:** This paper partially presents a diplomatic 19th-century edition of the *Livro de Fábrica*, committed to writing in Cachoeira do Brumado, a village of Mariana, Minas Gerais. This text has a two-fold objective: (i) to discuss the importance of the transcription carried out stemming from philological criteria, which supports the edition, making it suitable for research on the history of Brazil's Portuguese language (BP) and (ii) to show/analyze the variation of pretonic vowels, through writing, collected from this manuscript. After the transcription of the document and according to the rules established for this purpose, cases of raising and lowering of pretonic vowels were evidenced, based on Bisol (1981), Magalhães (2013) among other authors. In summary, we discuss how this type of document is important to know and make known the past stage of the Portuguese language, and, in this specific case, the variation of pretonic vowels, once the manuscript receives a reliable philological treatment.

**Keywords:** Romance Philology; Historical Linguistics; pretonic vowels; Brazilian Portuguese.

---

1 Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação em Letras, Mariana, MG, Brasil. Endereço eletrônico: [soelis@ufop.edu.br](mailto:soelis@ufop.edu.br).

2 Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Mariana, MG, Brasil. Endereço eletrônico: [izadoralopes@aluno.ufop.edu.br](mailto:izadoralopes@aluno.ufop.edu.br).

## Introdução

O presente artigo<sup>3</sup> que se circunscreve na área da Linguística Histórica, mas que não prescinde da Filologia Românica, Paleografia e Crítica Textual, possui como objetivos: (i) fazer uma discussão sobre a relevância de transcrição feita com critérios filológicos, o que possibilita ao pesquisador diacronista conhecer/pesquisar o uso linguístico de um estágio pretérito da língua manifesto no manuscrito sob análise; e (ii) fazer uma análise parcial da variação de vogais pretônicas do referido testemunho. O *corpus* que ora apresentamos faz parte do projeto BTMLH - Banco de Textos Manuscritos: preparação (digitalização e edição) de documentos para pesquisas em Linguística Histórica, pesquisa realizada na UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto pelas autoras, em conformidade com o edital 03/2020/UFOP/PIBIC/CNPq-2020-2021.

O presente texto está assim dividido: primeiramente, fazemos a descrição metodológica de como o trabalho foi realizado; em seguida discutimos sobre a contribuição dos estudos filológicos para a edição de documentos manuscritos (MATTOS E SILVA, 1995) e sobre os tipos de edição (SPINA, 1977). Logo após, apresentamos (i) a definição e as características do testemunho sob análise, (ii) as descrições paleográfica e codicológica do manuscrito e (iii) a imagem do excerto do *Livro de Fábrica* com a transcrição em formato justalinear. Por fim, apresentamos e analisamos os fenômenos de alguns casos de variação de vogais pretônicas, sem, entretanto, fazermos uma análise exaustiva.

## Metodologia

Primeiramente, providenciamos o estabelecimento das normas de transcrição, as quais tiveram como base o modelo adotado por Mendes (2008) e por Cambraia (2005):

- a) A transcrição procurará ser fiel ao texto original.
- b) Não serão desdobradas as abreviaturas.
- c) Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplo: “deNosso”; “deJulho”; “emvirtude”.
- d) Serão mantidas a pontuação e acentuação originais.
- e) Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original.
- f) Quando a leitura paleográfica de uma palavra for duvidosa, a sua transcrição será

---

<sup>3</sup> O assunto aqui tratado foi apresentado pelas autoras, em formato de comunicação, no VI Fórum dos Estudos Linguísticos do Ceará, em novembro de 2021.

feita entre parênteses: ( ).

g) São transcritos na sua forma original os numerais, tanto indo-arábicos como romanos.

h) Serão apontadas antes da transcrição as intervenções de terceiros no documento original, bem como o seu estado de conservação.

i) Serão informadas em nota as anotações de outro punho, as alterações e os borrões de tinta.

j) Os caracteres cuja leitura se apresenta impossível, em seu lugar, será colocado entre parênteses (ilegível).

k) Palavra(s) danificada(s) por algum tipo de corrosão será(ão) indicada(s) entre colchetes, assim: [corroída] ou [corroídas]. Em se tratando de um trecho de maior extensão danificado pelo mesmo motivo, será indicada entre colchetes a expressão [corroída + de 1 linha].

l) A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: | entre as linhas. A mudança de fólio será indicada com duas barras verticais: ||.

m) As páginas serão numeradas de acordo com o documento original, indicadas, nesse caso, entre duas barras verticais, além de apresentar o estado do fólio. Exemplos: ||fl.1r.||; || fl.1 v. ||.

n) Se o original não for numerado ou estiver ilegível sua numeração, os números acrescentados serão impressos entre colchetes, indicando-lhes o estado do fólio. Exemplos: [fl.1 r.]; [fl.1v.].

o) Na edição, as linhas serão numeradas de 5 em 5 a partir da quinta, considerando, inclusive, o título. Essa numeração será colocada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.

p) Os espaços em branco deixados pelo escrivão serão assim identificados: [espaço].

q) Os fragmentos de frases ou palavras que foram suprimidos pelo escrivão serão indicados em nota.

Após essa proposição, estabelecemos o alfabeto do punho que será apresentado logo adiante. Uma vez feito isso, efetuamos a transcrição e edição diplomática do *Livro de Fábrica*, do século XIX, que também será apresentada depois da subseção referente ao alfabeto.

Uma vez editado o texto seguindo os critérios filológicos, procedemos ao levantamento dos casos de alçamento e rebaixamento das vogais pretônicas /i,u,e,o/, os quais serão aqui apresentados e discutidos. Para esse levantamento, consideramos o étimo de cada vocábulo

registrado no *Dicionário Etimológico*, de Antônio Geraldo da Cunha, a fim de verificarmos se o registro escrito do vocábulo localizado no documento estava próximo ou distante de seu étimo. Também consultamos dois dicionários de períodos pretéritos da língua portuguesa: de Raphael Bluteau (1728) e de Moraes Silva (1813/1922), a fim de verificarmos como essas duas obras lexicográficas registram os vocábulos sob análise: são grafados conforme o étimo? Estão conformes à escrita do manuscrito sob análise? Ou apresentam outra grafia? Depois, analisamos os alçamentos e abaixamentos com base nos teóricos indicados no próximo tópico.

### **Sobre o manuscrito sob análise**

A seguir discutimos por que é necessário ao pesquisador diacronista estabelecer critérios filológicos para edição do manuscrito que lhe serve de análise, além de também discutirmos os tipos de edição existentes, conforme a tradição da Crítica Textual.

De acordo com Mattos e Silva (2008, p. 15), em qualquer pesquisa de manifestações da língua em uso, o *corpus* sob análise deverá ser, “necessariamente, um corte intencional sobre a totalidade de uma língua; a sua data, o seu lugar e os seus informantes serão identificados e definidos”. Entretanto, conforme a autora, quando a análise se refere a um estado da língua já passado, o *corpus* no qual a pesquisa se apoiará já está constituído. Assim, caberá ao linguista-pesquisador, que deseja estudar um uso linguístico anterior ao presente, determinar “os limites do seu campo de observação sobre documentação preexistente”, já que, conforme Mendes (2008, p. 14), “não existe outra forma de se pesquisar uma língua pretérita que não seja através de textos escritos”. Na pesquisa desenvolvida e cujos resultados parciais serão apresentados e discutidos, o limite do campo de atuação circunscreve-se ao período da língua portuguesa escrita no Brasil, especificamente, nas Minas Gerais, e a documentação data da segunda metade do século XIX.

Conforme Spina (1977, p. 94), tendo em vista a especificidade dos textos pertencentes à cultura ocidental, “cuja tradição tem como baliza a aparição da imprensa no século X”, a Edótica (ou crítica textual) pode ser periodizada em quatro momentos: clássica – aplicada aos textos clássicos, gregos e latinos, até o fim do período helenístico e da baixa latinidade; medieval – aplicada aos códices pertencentes à Alta e Baixa Idade Média; moderna – aplicada ao texto impresso, desde os primeiros até os textos do século XIX; e a contemporânea. Muito embora o *corpus* da presente pesquisa refira-se ao período moderno da nossa história e, portanto, pertencente à época pós-imprensa, trata-se de um testemunho que foi exarado, majoritariamente, pelo “fabiquireiro” João Soares Louredo. Mas, independentemente da época

em que foi escrito o texto, precisamos levar em conta que o objetivo da edótica é o mesmo, ou seja, “estabelecer um texto que se avizinha o mais possível do original, tendo em vista a sua publicação”. (SPINA, 1977: 94).

O diacronista que pretende levantar, transcrever e editar manuscritos para compor seu *corpus* de pesquisa deve possuir conhecimentos de Filologia, já que o resultado de seu trabalho deve refletir fielmente o testemunho transcrito. Para que isso ocorra, conforme Fachin (2008, p. 19), deve-se fazer uso de “normas de transcrição e critérios de leitura elaborados, com o intuito de editar os documentos de forma fidedigna, ou seja, sem oscilações”. Para além dessas questões, Fachin chama a atenção para a necessidade de os critérios utilizados para a edição serem explicitados para que o trabalho possa ser avaliado por outros pesquisadores, é o que fizemos na seção Metodologia, na qual apresentamos as normas que seguimos para propormos nossa transcrição.

No caso de o público-alvo do texto editado ser pesquisador da Linguística Histórica, a sugestão é que se estabeleça uma edição que seja o mais fiel possível ao texto original, assim o levantamento e a análise proposta para os fenômenos linguísticos encontrados no *corpus* selecionado terão maior credibilidade. Isso porque há que se considerar que, na pesquisa diacrônica, diferentemente da sincrônica atual, não possuímos falantes que possam servir de contraponto aos dados levantados, daí a importância do rigor filológico no momento da transcrição de testemunhos de um estágio pretérito da língua. A seguir, discutiremos os tipos de edição e qual deles é o mais adequado ao nosso propósito.

A edição de textos antigos tem um papel histórico-cultural diretamente ligado à propagação da memória de certos grupos entre distintos públicos – dos mais leigos aos mais versados – a depender da modalidade de edição adotada. O processo de edição assume também o papel de perpetuação, contribuindo para a preservação do suporte material que contém o texto manuscrito, ou seja, na medida em que a circulação do texto editado se dá de forma mais abrangente e acessível, pode-se abrir mão da consulta ao original. Por isso, a necessidade de se fazer um trabalho reto, embasado em normas claras que sejam seguidas fielmente.

Segundo Spina (1977, p. 77-79), existem diversas maneiras de se editar um texto: a edição fac-similar ou mecânica, a diplomática ou conservadora, a semidiplomática ou paleográfica e a edição crítica. A opção por uma ou mais de uma dessas depende do público-alvo, porque, como bem afirma Cambraia (2005), dificilmente uma mesma edição pode ser adequada a um público indistintamente. Para o presente artigo, adotamos a edição fac-similar e a diplomática, feitas de parte do manuscrito sob análise. No primeiro tipo, ou seja, fac-similar

ou mecânica, há um grau zero de mediação, já que apenas ocorre a reprodução de um testemunho através de meios mecânicos, fotografia, xerografia, escaneamento, microfilmagem etc. Já o segundo tipo de edição, a diplomática, tem por objetivo principal transcrever em caracteres da imprensa moderna as escritas antigas, procurando interferir o mínimo possível no documento. Esse tipo possui baixo grau de mediação, e a transcrição é rigorosamente conservadora justamente porque são mantidos os sinais abreviativos, de pontuação, paragrafação, translineação, além de não serem desfeitas as fronteiras de palavras. Para o estudo da história da língua, a edição diplomática mostra-se bastante eficiente, uma vez que é possível, por meio de fontes de programas de textos, fazer uma reprodução bastante rigorosa do passado. No entanto, não se pode perder de vista que, não obstante todo o cuidado por parte do editor, “uma edição diplomática já constitui uma interpretação subjetiva, pois deriva da leitura que um especialista faz do modelo” (CAMBRAIA, 2005, p. 94). Já a semidiplomática ou diplomático-interpretativa (SPINA, 1977) sofre algum tipo de intervenção por parte do editor que desfaz as abreviaturas do testemunho e estabelece as fronteiras entre palavras. E finalmente, a edição crítica que se caracteriza pelo confronto de mais de um testemunho no processo de estabelecimento do texto, que pode ser autógrafo ou apógrafo. O objetivo desse tipo de edição é reconstruir a última forma que seu autor lhe havia dado. Todas as intervenções do editor devem ser registradas no aparato crítico. Conforme se discutiu anteriormente, é necessário que sejam adotados critérios bem elaborados para o reconhecimento e identificação de caracteres de forma que o texto original seja respeitado, dentre outros aspectos filológicos de edição. Para tanto, normas devem ser propostas e seguidas à proporção que o trabalho de transcrição é realizado, as quais já foram apresentadas na seção *Metodologia*.

Na próxima subseção, apresentaremos a definição, características do testemunho sob análise, além de fazermos breves comentários paleográficos e codicológicos do *Livro de Fábrica*.

A “Fábrica” era, na definição de Antunes (2004), “o órgão responsável pela administração dos bens eclesiásticos” de uma freguesia. Por meio desse “Livro”, a administração clerical não se limitava ao “controle” da renda ou do dinheiro da igreja, dedicava-se, inclusive, ao controle do universo “dos bens patrimoniais ou dos seus rendimentos, destinados à conservação e reparo das Igrejas bem como às despesas e à manutenção do culto divino” (RODRIGUES, 1995). Tais rendas, conforme Zanon (2009), “não financiavam somente as obras materiais, mas também sustentavam o culto nas igrejas, como as festas dos santos ou no material necessário para as missas”. Conforme verificamos, à Fábrica também

pertencia parte das taxas de missas, enterros, multas e arrendamentos de terrenos. O manuscrito sob análise é datado de 1854, século XIX, foi exarado na cidade de Mariana e se encontra sob a custódia do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese – Cúria Metropolitana, em Mariana (MG).

Quanto às análises paleográfica e codicológica, Cambraia (2005) nos informa que essas se mostram de extrema importância, sobretudo, no que se refere à preservação do manuscrito:

Com certeza a contribuição mais evidente e importante da crítica textual é a recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura. Assim como se restauram pinturas, esculturas, igrejas e diversos outros bens culturais da humanidade, a fim de que mantenham a forma dada por seu autor intelectual, igualmente restauram-se os livros em termos tanto físicos (recuperação da folha, da encadernação, da capa, etc.) quanto de seu conteúdo (recuperação dos textos) (CAMBRAIA, 2005, p.19).

Para o presente artigo, faremos apenas alguns breves comentários paleográficos e codicológicos. O documento em questão é um *Livro de Fábrica*, manuscrito oitocentista, exarado no distrito de Cachoeira do Brumado, Mariana (MG), e é composto por 64 fólios. A forma física está sob custódia do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese – Cúria Metropolitana. Para nossa pesquisa, na impossibilidade de consultarmos o original, não só porque a Cúria não o disponibiliza por esse se encontrar digitalizado, mas também porque a pandemia nos impediu a visita ao Arquivo. Assim, serviu-nos de consulta o site <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939J-DNS7-Q6?cc=21772758&wc=M5F2>, por meio do qual conseguimos localizar o referido testemunho.

Percebe-se a presença majoritária do punho das mãos hábeis<sup>4</sup> de João Soares Louredo. A escrita é da família humanística e cursiva, a mais recorrente na contemporaneidade (SPINA, 1977); possui tamanho regular; o *ductus* é sempre à direita; apresenta-se, na sua quase totalidade, de forma linear, respeitando os limites da pauta e uma constância nas hastes, o que não causou nenhum problema à leitura. O texto é escrito na primeira seção em coluna dupla e, na segunda seção, em coluna única, ambas, não pautadas. É possível apontar a ausência de rasuras: não há importantes ocorrências de borrões e também se verifica igualdade na distribuição da tinta nos traçados. Os parágrafos são consideravelmente longos, mas isso não dificulta a compreensão do texto. Quanto à margem, também há uma invariabilidade: em todos os fólios, a mancha ocupa quase todo o espaço.

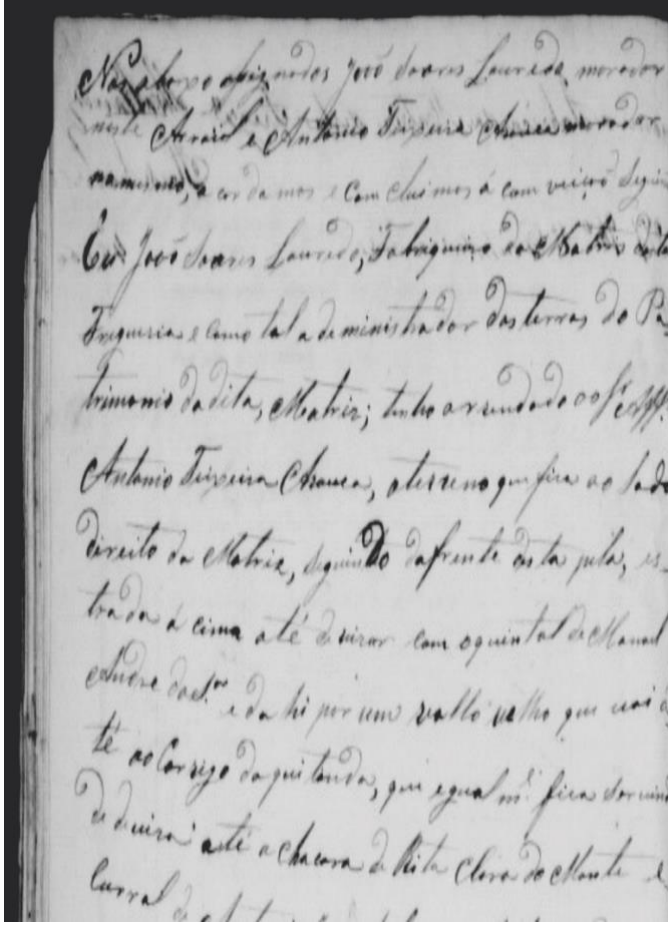
---

<sup>4</sup> Conforme MARQUILHAS, R. **A faculdade das letras**: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

Adiante apresentamos a edição, no formato parcial, *do Livro de Fábrica*. Para este trabalho, foi realizada a edição diplomática ou conservadora, respeitando, ao máximo, todas as características originais do testemunho. Mattos e Silva (2008, p. 15) chama-nos a atenção sobre o cuidado que o diacronista deve ter ao realizar edições com vistas às análises de estruturas linguísticas: “[...] a edição tem de ter sido feita com rigor filológico e com o objetivo claro de servir a estudos linguísticos [...]”.

No quadro a seguir, apresentamos a imagem digitalizada do fólio 21 e a respectiva transcrição.

Quadro 1 - Imagem e transcrição do Trecho do fólio 21 verso do manuscrito

	<p>Nos abaixo assignados João Soares Louredo, morador  neste Arraial e Antonio Teixeira Arouca morador  no mesmo, acordamos e concluímos a convenção seguinte,  Eu João Soares Louredo, Fabriqueiro da Matriz desta  Freguezia e como tal adeministrador das terras do Pa-  trimonio da dita, Matriz; tenho arrendado ao Sr [†]  Antonio Teixeira Arouca, o terreno que fica ao lado  direito da Matriz, seguindo da frente desta pela, es-  trada á cima até devizar com o quintal de Manoel  Andre da S.a e dahi por um vallo velho que vai á-  té ao córrigo da quitanda, que igualm.e fica servindo  de deviza até a chácara de Rita Clara do Monte e-  curral</p>
--	--









































Fonte: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939J-DNS7-Q6?cc=21772758&wc=M5F2>. Acesso em: fev. 2022.

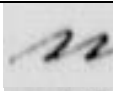
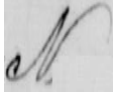
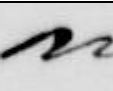
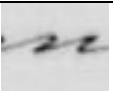




















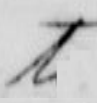


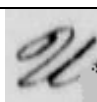
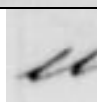

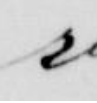
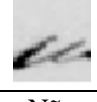
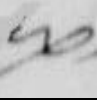
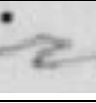

Agora apresentaremos o alfabeto do punho do “fabriqueiro” João Soares Louredo, mas, antes disso, gostaríamos de fazer algumas considerações. A edição de textos manuscritos antigos é um processo lento e criterioso, pois, além do estado de conservação do documento, que, na maioria das vezes prejudica a leitura, é preciso habituar-se ao tipo de escrita (FACHIN, 2009). Um recurso que auxilia esse processo de edição e leitura é a proposição de um alfabeto



do punho que grafou o texto, mesmo que o manuscrito tenha sido produzido pelas hábeis mãos de clérigos, que eram pessoas com alto grau de letramento (Cf. MENDES, 2008). Vale lembrar que, como bem pontua Spina (1977, p.35), a escrita cursiva é corrida e sem descanso de punho, o que pode dificultar a leitura em certos trechos; ou seja, independentemente das mãos que produziram o manuscrito, se hábeis ou não hábeis, propor o alfabeto do punho colabora para a leitura do texto e familiarização da escrita. A seguir apresentamos o alfabeto do punho de João Soares Louredo, cuja escrita é predominante no *Livro de Fábrica*.

Quadro 1 – Alfabeto do punho sob análise

Grafema	Maiúscula	Minúscula		
		Inicial	Medial	Final
A/a				
B/b				-
C/c				-
D/d				-
E/e				
F/f				-
G/g		Não localizado		-
H/h		Não localizado		
I/i				
J/j				-
L/l				
M/m				

<b>N/n</b>	 			-
<b>O/o</b>				
<b>P/p</b>				-
<b>Q/q</b>	Não localizado			-
<b>R/r</b>				
<b>S/s</b>		 	 	
<b>T/t</b>		 		-
<b>U/u</b>				Não localizado
<b>V/v</b>	Não localizado	 	Não localizado	-
<b>W/w</b>	Não localizado	Não localizado	Não localizado	-
<b>X/x</b>	Não localizado	Não localizado		-
<b>Y/y</b>	Não localizado	Não localizado	Não localizado	-
<b>Z/z</b>	Não localizado	Não localizado		

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Uma vez apresentados o fac-símile do *Livro de Fábrica* e sua respectiva edição, na próxima seção, trataremos do referencial teórico sobre variação das vogais pretônicas, no qual nos apoiaremos.

### **Variação de vogais pretônicas no testemunho sob análise**

Como analisaremos a variação de vogais pretônicas manifesta na escrita, gostaríamos, antes, de fazer uma breve exposição sobre os períodos da ortografia da língua portuguesa.

a- Período fonético: começa com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Nesse período, a ortografia era baseada na pronúncia, por isso a variação gráfica era muito incidente e dificultava a compreensão dos leitores (J.J.NUNES, 1945).

b- Período pseudo-etimológico: inicia-se no século XVI e se estende até o século XX, quando foi publicada a Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana. O sistema ortográfico, nesse período, é ainda mais confuso, pois, além das variações fonéticas, muitas palavras ganharam uma grafia à semelhança do grego ou do latim, numa falsa etimologia (J.J.NUNES, 1945). Nesse período, conforme Coutinho (1976), sob influência do Renascimento e da, digamos, admiração do grego e do latim, procurava-se respeitar, tanto quanto possível, as letras originárias da palavra, mesmo que não representassem qualquer aspecto fonético.

c- Período simplificado: inicia-se em 1904, com a proposta de Gonçalves Viana; desde então, a ortografia se baseia na pronúncia do Brasil e de Portugal, o que gerou dois sistemas ortográficos vigentes: o brasileiro e o português. (Aqui excluímos o *Novo Acordo Ortográfico* que entrou em vigor no Brasil em 2009).

O Padre Madureira Feijó, em 1734, em sua *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, afirma que a melhor ortografia é aquela que se aproxima da “recta pronúncia das palavras”. No entanto, ele próprio reconhece que esse princípio é questionável, pois todos, na sua concepção, dizem para escrever como se pronuncia, mas ninguém ensina como se deve pronunciar, para assim escrever corretamente. Essa era, segundo Feijó, a grande causa dos erros por parte dos *scriptores*. Isso porque, adverte, é possível imitar a escrita dos melhores autores da língua portuguesa, mas não se tem um testemunho de como eles pronunciavam.

Nosso *corpus* data do século XIX, e a sua escrita pertence, portanto, ao período pseudo-etimológico e contém, ainda, muitas variações fonéticas. No entanto, nenhum dos vocábulos que nos servem de análise neste artigo apresenta-se numa escrita que remonta ao seu étimo

latino, nem mesmo criou-se uma pseudo-etimologia para eles. Conforme os quadros 2 e 3, que se encontram mais adiante, temos:

<b>vocábulo</b>	<b>étimo</b>
deviza ~ diviza	<i>dīūdere</i>
encobido	<i>incumbēre</i>
Freguezia friguizia	<i>Filli eclessia</i> > <sup>5</sup> <i>filli egresia</i> > <i>filiegresia</i> > <i>friegezia</i> > <i>fregezia</i>
Tior ~ Teor	<i>Tenor, tenoris</i>

A escrita desses vocábulos, que não remonta aos respectivos étimos, apresenta variação fonética típica desse período de escrita (J.J.NUNES, 1945), fato que, para Feijó (1734), constituía um erro por parte dos *scriptores*. Entretanto, o pesquisador diacronista precisa ver nesse “erro” uma forma de entrever e analisar, por meio da escrita de épocas pretéritas, um possível uso oral da língua portuguesa de um tempo remoto. Isso é o que faremos a seguir.

Vamos analisar o uso desses vocábulos, especificamente aqueles que apresentam alçamento e abaixamento de vogais médias /e,i/ /o,u/, tomando o étimo como ponto de partida, já que não há registro oral do período analisado.

Para tratarmos desse assunto, pautaremos-nos em Câmara Jr. (1970), de acordo com quem a língua oral possui uma realidade bem mais complexa do que “dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita”, prosseguindo, afirma “o que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones” (p. 39). O autor propõe uma classificação dos fonemas vocálicos, a partir da sílaba tônica, pois, essa sílaba que representa uma “particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom)” constitui “a posição ótima para caracterizá-las (as vogais)”. Essa posição tônica, na acepção de Câmara Jr. (1970), nos fornece, de forma plena e com bastante nitidez os traços distintivos vocálicos.

Assim, partindo da posição tônica, conforme a classificação de Câmara Jr., o sistema vocálico é composto por 7 vogais o qual, na análise de Magalhães (2013), é assim desde o período arcaico da língua portuguesa até os dias atuais e, segundo o autor, “têm permanecido rigorosamente lacradas em um sistema fechado, pouco susceptíveis à variação” (p. 38).

Conforme a classificação de Câmara Jr. (1970), o sistema das vogais tônicas do PB pode ser assim representado:

---

<sup>5</sup> Este sinal > significa que a forma do item lexical anterior sofreu uma evolução para a forma seguinte.

Figura 1 - Classificação das vogais tônicas do PB

Altas	/u/	/i/
Média alta	/o/	/e/
Média baixa	/ɔ/	/ɛ/
Baixa	/a/	

Fonte: Câmara Jr. (1970)

Embora possa haver raros casos de variação, conforme Magalhães (2013), como, por exemplo, [‘fe.ʃa]~[‘fɛ.ʃa], trata-se de uma situação de pouca produtividade, haja vista que não se pode inferir “questões mais sólidas acerca da variação em posição tônica no PB.” De acordo com Alves (2008), poucas são as pesquisas que discutem a variação entre as vogais médias fechadas e as médias abertas. Em geral, prossegue a autora, as pesquisas realizadas, efetivamente sobre os dialetos do sul e do sudeste, descrevem os fenômenos de redução vocálica e de harmonia vocálica às vogais médias em posição pretônica. Mas, ao contrário da posição tônica, que tende a sofrer menos variação, a posição átona se mostra mais vulnerável a esses casos denominados harmonização vocálica e abaixamento de vogais, como discutiremos a seguir.

Na posição átona, o sistema vocálico do PB sofre uma redução em função, certamente, das variações, e tanto Câmara Jr (1970), como Bisol (1981) e Bisol e Magalhães (2004) apresentam explicações sobre essa redução. Bisol e Magalhães (2004) reforçam a explicação dada por Câmara Jr (1970), segundo o qual ocorre um processo de neutralização das vogais. Nesse processo ocorre a perda do traço que diferencia dois fonemas (CÂMARA JR., 1970): as vogais médias baixas /ɛ, ɔ/ não aparecem no quadro das pretônicas, em proveito das médias altas /e, o/, enquanto nas vogais postônicas finais há uma supressão maior, realizando somente as vogais altas /i, u/, além da vogal baixa /a/. Ainda, há possibilidade dessa variação, que ocorre em posição postônica entre as vogais /e/ e /o/ pela produção das vogais /i/ e /u/, ocorrer em posição pretônica. Com isso, conforme os linguistas Bisol e Magalhães (2004), o quadro do sistema vocálico se reduz para 5 vogais em sílaba pretônica e 4 vogais na posição não final pós-acento e para 3 na posição final pós-acento. Em outros termos, o quadro das pretônicas é formado pelas vogais /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/; já o quadro das vogais em posição postônica final é

formado pelas vogais /a/, /i/ e /u/ e, finalmente, na posição postônica não final, o quadro das vogais se reduz a 4 vogais.

Quanto às pesquisas sobre as vogais pretônicas do PB, há muitos trabalhos nessa área, dentre os quais citamos: para os falares das regiões sul e sudeste, temos: Bisol (1981), Callou e Leite (1986), Viegas (1987), Castro (1990) Yacovenco (1993), Alves (2008). Para os falares do norte e nordeste, destacamos Silva (1989) e Carvalho Nina (1991). Entretanto, para a presente discussão, vamos nos apoiar nas análises propostas por Bisol (1981) e Magalhães (2013), porque acreditamos que elas explicam mais adequadamente os dados de nossos *corpus*. Bisol, ao observar a realização das pretônicas, verificou o alçamento das vogais médias altas /e, o/ para as altas /i, u/. A pesquisadora, ao descrever esse alçamento, observou que cabe à vogal alta na sílaba tônica proporcionar a aplicação dessa regra, como em *bibido* para *bebido* e *curuja* para *coruja*, segundo ela, o alçamento se aplica por meio da variação livre; ou seja, independentemente de ser uma vogal alta na sílaba tônica, o fenômeno se dá da mesma forma: como em *tumate* para *tomate*, *culégio* para *colégio*, por exemplo.

Bisol segue na explicação e adverte que, em *bibido* e em *curuja*, tem-se harmonia vocálica, uma vez que as vogais pretônicas /e/, /o/, respectivamente, assimilam traços de altura comuns às vogais da sílaba tônica /i/ e /u/. Já em *tumate* e *culégio* tem-se alçamento sem haver uma aparente motivação, isto é, a vogal pretônica média sofre o alçamento mesmo sem ter semelhança no traço de altura com a vogal em posição tônica.

Magalhães (2013), verificando dados do Português dos séculos XVIII e XIX, observou que, para além da harmonia e do alçamento sem motivação aparente, havia palavras, como *partecipo* e *vezinho*, que foram analisadas pelo pesquisador como sendo uma “interação opaca em que a regra esperada deixa de se aplicar, mesmo tendo presente o contexto para aplicação” (p.47), e a esse fenômeno Magalhães deu o nome de contra-alimentação. O linguista localizou outras palavras tais como *desposição* e *enteira*, nas quais a vogal alta tornou-se média baixa, e a esse fenômeno chamou de “abaixamento sem motivação aparente”.

Face ao exposto, a análise de variação de vogais pretônicas, em manuscritos de épocas pretéritas, nos permite, como já afirmamos anteriormente, entrever um uso que, provavelmente, corria “a boca solta” nos Oitocentos, em Minas Gerais, ou mais especificamente, no distrito de Cachoeira do Brumado, em Mariana (MG). Adiante apresentaremos os dados de nosso *corpus* e os analisaremos com base nos processos investigados por Bisol (1981) e Magalhães (2013).

No *Livro de Fábrica*, verificamos uma variação na representação gráfica de algumas vogais pretônicas: <e>, <i> e <o>, <u>. Essa variação gráfica, conforme Mattos e Silva (1995,

p. 68), “pode fornecer indícios da vitalidade ou não de determinado uso linguístico transferido, talvez, para o texto escrito”. Ou seja, como havia a oscilação entre o uso de uma ou outra forma ortográfica, isso permitia que o uso oral se manifestasse na escrita.

A seguir apresentamos o quadro em que registramos alguns vocábulos em que o fenômeno da variação ocorre:

Quadro 1 - Variação de vogais pretônicas no *Livro de Fábrica*

Variante	Contexto	Ano/fólio	Punho do scriptor
‘devizar’	o terreno que fica ao lado direito da Matriz, seguindo da frente desta pela estrada á cima até devizar com o quintal de Manoel Andre da S. <sup>a</sup> ...	1856/21v	José Soares Louredo
‘diviza’	coube a posse a estes cuja diviza é do esteio ou mouraõ da cerca do terreiro em frente á caza, come-cando do mouraõ do canto opposto ...	1862/26v	José Soares Louredo
‘encombido’	Eu João Soares Louredo, na qualidade de Fabriqu. <sup>o</sup> , e como tal encombido de ademinis- trar as terras do Patrimonio da Matriz	1857/23v	José Soares Louredo
‘freguezia’	Nós abaixo assignados, João Soares Louredo, morador neste Arraial e Fabriqueiro da Matriz desta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira do Bruma-do	1862/26v	José Soares Louredo
‘Friguizia’	Nós abaixo assinados José Lopes da Silva Frabriqueiro da Matriz destas Friguizia, e Rita Clara do MonteaCor damos e concluimos a convenção seguinte ...	1870/30r	José Lopes da Silva
‘teor’	E p. <sup>a</sup> nossa mutua clareza e segurança fizemos es- te, eoutro do mesmo teor todos por nos assignados.	1856/21r	José Soares Louredo
‘tior’	E para nossa mutua clareza e segurança mandamos passar este e outro do mesmo tior, por Sen. <sup>r</sup> An. <sup>to</sup> Basilio do Esp. <sup>to</sup> S. <sup>to</sup> ...	1870/30r	José Lopes da Silva

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Adiante apresentaremos os casos de abaixamento de vogais.

Quadro 2 - Abaixamento de /i/ > /e/

Vocábulo	Freq.	Variação	Freq.	Etimologia	Dicionário de R. Bluteau 1728	Dicionário de Moraes Silva 1813
Divizas/ Divisando	3	Devizar/ Devisa	3	Do latim <i>Dīvidēre</i> (A.G.Cunha) Do latim vulgar <i>Divisare</i> (A.Nascentes)	Divizar	Divisar
Não ocorreu nenhuma outra forma	-	Encombido	1	Do latim <i>incumbēre</i> (A.G. da Cunha)	Incumbir	Incumbir

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Considerando o étimo e os registros nos dicionários de Bluteau e Moraes Silva, constatamos que, tanto em *Diviza* ~ *Devizar/Devisa*, ocorre o fenômeno do abaixamento: a vogal alta /i/ torna-se média baixa /e/ sem qualquer motivação aparente (MAGALHÃES, 2013). Já em *encombido*, no qual ocorre o abaixamento de /u/ > /o/, afirmamos, com base em Magalhães (2013), que aqui também ocorreu um abaixamento sem uma motivação aparente.

Vejamos, agora, casos de alçamento:

Quadro 3 - Alçamento de /e/ > /i/

Vocábulo	Freq	Variação	Freq	Etimologia	Dicionário de R. Bluteau 1718	Dicionário de Moraes Silva 1813
Freguezia	9	Friguizia	1	Do latim hispânico * <i>filium ecclesiae</i> (A.G. da Cunha)	Freguezia	Freguezia
Teor	7	Tior	1	Do latim <i>tenor-, tenoris</i> (A.G. da Cunha)	Theor	Theor

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Em ambos os casos, levando em consideração o registro do étimo de “Freguezia” e de “Teor”, verificamos que em: *freguesia* ~ *friguizia* ocorre alçamento - **harmonização vocálica** -, a vogal pretônica /e/ assimila traços de altura comum à vogal da sílaba tônica /i/ (BISOL, 1981). Já em *Teor* ~ *tior*, tem-se, conforme Bisol, o alçamento de /e/ > /i/ sem uma aparente motivação.

De acordo com Maia (1997), no português arcaico, a variabilidade da escrita das vogais médias refletem as grandes flutuações que sofriam as vogais átonas no antigo galego-português. E essa mesma flutuação localizamos no manuscrito sob análise, pertencente ao século XIX.

### Considerações Finais

Por evidenciar um uso pretérito da língua portuguesa, contribuindo para o avanço do conhecimento desses estados de língua, os textos antigos assumem também uma grande importância para os estudos diacrônicos. Tendo em vista essa riqueza, a maior parte dos pesquisadores que utilizam documentos manuscritos como *corpora* de pesquisa devem dar



preferência aos textos fidedignos, criteriosamente editados segundo normas da edição crítica de textos, conforme se discutiu aqui.

Certamente, os dados aqui apresentados e discutidos, mesmo que não tenha sido de forma exaustiva, revelam apenas uma pequena parte do valioso objeto de pesquisa que ora temos em mãos, e muitos outros que ainda se encontram nos arquivos à espera de um estudo. Aqui discutimos a variação gráfica das vogais pretônicas /i,e/, /u,o/, e, embora tenhamos analisado poucos casos, o único em que ocorreu uma justificativa para a transformação da vogal foi *freguezia* ~ *friguizia*, no qual se deu uma harmonia vocálica. Isso porque a vogal pretônica /e/ assimila traços de altura comuns à vogal da sílaba tônica /i/. Grande parte das palavras analisadas seguia a padronização dicionarizada; no entanto, há as ocorrências da variação.

Vimos que, no século XVIII, estudiosos criticaram, em função da inexistência de uma ortografia oficial, o fato de a escrita se basear na oralidade, uma vez que não se ensina como se deve pronunciar “corretamente”, para, então, escrever corretamente. O Padre Feijó afirmou se tratar de um erro: ou seja, basear-se no oral para a realização da escrita. Para as pesquisas de cunho diacrônico, o “erro” do passado nos permite entrever o uso oral de uma época pretérita da língua, no caso aqui discutido, o alçamento e abaixamento de vogais médias pretônicas. Esse que é o traço, no ponto do sistema da língua portuguesa, que mais evidencia a oposição entre os dialetos brasileiros e portugueses, e os diversos dialetos brasileiros entre si. (MATTOS E SILVA, 1995).

### Referências

ANTUNES, A. de A. **Espelhos de cem faces: o universo relacional de um advogado setecentista**. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2004.

BARBOSA, J. S. **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou princípios da grammatica geral aplicados à nossa linguagem**. 5. ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1871[1822].

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. 335 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L.; MAGALHÃES, J. S. de. A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. **Revista da Abralín**, v. III, n. 1 e 2, jul./dez. 2004.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. 8 v. Disponível em: <http://purl.pt/13969>. Acesso em: 18 nov. 2021.

**Brasil, Minas Gerais, Registros da Igreja Católica, 1706-1999,"** database with images, FamilySearch (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939J-DNS7-Q6?cc=2177275&wc=M5F2-3TP%3A369590301%2C369593702%2C369676501>: 22 May 2014), Cachoeira do Brumado > Nossa Senhora da Conceição > Documentos eclesiásticos 1854, Out-1870, Ago > image 1 of 34; Paróquias Católicas (Catholic Church parishes), Minas Gerais.

CALLOU, D.; LEITE, Y. Variação das vogais pretônicas. In: **Simpósio-Diversidade Linguística no Brasil**, Atas. Salvador: UFBA, 1986, p.157-169.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. SP: Martins Fontes, 2005.

CARVALHO NINA, T. de J. de. 1991. 212 f. **Aspectos da variação fonética-fonológica na fala de Belém**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

CASTRO, E. C. de. **As pretônicas na variedade mineira juizdeforana**. 1990. 306 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1990.

COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, A. G. DA. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**, 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FEIJÓ, J. M. M. **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa**. *Lisboa Occidental*: na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, 1734. Disponível em: <http://purl.pt/13>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MAGALHÃES, J. S. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX. **Revista do GELNE**, v. 15, p. 31-48, 2013.

MAIA, C. de A. **História do galego-português**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian. Junta Científica e Tecnológica, 1997.

MARQUILHAS, R. **A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MATTOS E SILVA, R.V. **O português arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 1995.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, S. T. P. **Combinações lexicais restritas em manuscritos setecentistas de dupla concepção discursiva: escrita e oral**. 2008. 750 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MORAES SILVA, A. de. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Edição Comemorativa do primeiro centenário da Independência do Brasil. FREIRE, Laudelino (Dir.). RJ: Oficinas da S.A. Typhografia Fluminense, 1813-1922.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Clássica, 1945.

RODRIGUES, F. C. Verbetes Vernáculos. In: **Glossário de Arquivo**. Mariana: ICHS/UFOP, 1995.

SILVA, M. M. da. **As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador**. 1989. 236 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SPINA, S. **Introdução à edótica**. São Paulo: Cultrix, 1977.

VIEGAS, M. do C. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 1987.

YACOVENKO, L. C. **As vogais médias pretônicas no falar culto carioca**. 1993. 185 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ZANON, D. A missa e a fábrica: tentativas de controle dos espaços das igrejas pelos bispos coloniais paulistas (1745-1796). In: **Dossiê: História, Direito e Justiça**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, 2009.

### **Sobre as autoras**

*Soélis Teixeira do Prado Mendes* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3792-4974>)

Doutora e mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG e licenciada em Letras, habilitação língua portuguesa e suas literaturas, pela mesma Universidade. Pesquisadora de Produtividade de CNPq 2. Professora Associada do DELET/ICHS/UFOP: curso de graduação em Letras e da pós-graduação em Estudos da Linguagem (POSLETRAS)

*Izadora Lopes* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5128-8911>)

Licenciada em Letras; Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Participou do Programa de Iniciação Científica, tendo atuado como estudante no Grupo de Pesquisa: NEDi - Núcleo de Estudos Diacrônicos, também pela UFOP. Durante o tempo em que atuou no projeto, como graduanda, foi bolsista do CNPq. Atualmente, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, POSLETRAS – UFOP.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aprovado em março de 2022.